



As humanidades digitais além de uma abordagem previsível: um delineamento de um conceito em construção

The digital humanities beyond a predictable approach: an outline of a concept under construction

Renan Castro *

RESUMO

O artigo reflete a respeito das humanidades digitais como produto e sintoma das transformações metodológicas do uso de tecnologias nas atividades de pesquisa. Expõe as relações entre as ciências humanas e as humanidades digitais, estabelecendo, esta última, sob o escopo de uma transdisciplina, interdependente às humanidades. Propõe reflexão a respeito de como a computação auxilia na prática de pesquisa e como problemas teóricos e práticos recebem nova perspectiva através da computação. Destaca as HDs como um novo espaço reflexivo, que abre novas possibilidades para o ensino e pesquisa em humanidades, ao mesmo tempo em que causam transformações metodológicas, técnicas, estruturais e organizacionais no campo. Aponta as HDs como ferramenta de reconfiguração e potencialização da atividade de pesquisa, alertando a respeito do prejuízo de encará-las apenas como aditivo às práticas metodológicas já vigentes. Alerta para as implicações econômicas e de ressonância em relação a aplicação das ferramentas fornecidas pelas humanidades digitais. Expõe que a aplicação da tecnologia, nas humanidades digitais, deve vir acompanhada da reflexão humanista a respeito delas. Indica a necessidade de realização de um mapeamento, a partir de sua literatura e de seu arcabouço prático-conceitual, para

ABSTRACT

This article considers the digital humanities as a product and symptom of the methodological transformations of the use of technologies in the research activities. The text presents the relations between the human sciences and digital humanities, establishing it under the scope of a transdisciplinary relation, interdependent to the humanities. It proposes a reflection upon how computing assists in the research practice of research and how theoretical and practical problems acquire a new perspective through computation. It highlights HDs as a new area for reflection, which opens new possibilities for teaching and research in humanities, at the same time as they cause methodological, technical, structural and organizational transformations in the field. It points out HDs as a tool for reconfiguration and potentialization of the research activity, alerting against the prejudice of facing them only as an additive to the methodologic practices already in place. It alerts for the economic and resonance implications regarding the application of the tools provided by the digital humanities. It exposes that the application of technology in the digital humanities must be accompanied by the humanistic reflection about them. It indicates the need to carry out a mapping, based on its literature and its practical-conceptual framework, so that a

* Mestre em Bens Culturais e Projetos Sociais pelo Programa de História, Política e Bens Culturais da Fundação Getulio Vargas (FGV). Bibliotecário e analista de Documentação do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC/ FGV). Endereço: Rua Jornalista Orlando Dantas, 60, Botafogo, CEP 22231-010, Rio de Janeiro, RJ. Telefone (21) 3799-5696. E-mail: renan.castro@fgv.br

que se alcance uma mensuração concreta do escopo das humanidades digitais.

Palavras-chave: Humanidades Digitais; Tecnologias Digitais; Métodos de Pesquisa Digital; Recursos Digitais de Pesquisa; Metodologia de Pesquisa Assistida por Computador.

concrete measurement of the scope of the digital humanities can be achieved.

Keywords: Digital Humanities; Digital Technologies; Digital Research Methods; Digital Research Tools; Computer Aided Research Methodology.

INTRODUÇÃO

Ao longo do tempo, a relação do homem com o meio social e o natural experimentou mudanças contínuas e sem precedentes. Essas transformações impuseram uma nova forma de se relacionar com a natureza e os atores sociais. No bojo dessas experimentações, pavimentou-se o caminho para conceitos que hoje balizam a sociedade contemporânea e permeiam os estudos sobre esse processo. Sendo esse movimento contemplado por diversos ângulos – econômico, cultural, político e social –, surgiram abordagens dedicadas a analisar esses fenômenos. Decerto esse processo foi o responsável por construir temas maciçamente difundidos e conhecidos atualmente, como, por exemplo, globalização, sociedade em rede, sociedade da informação, revolução tecnológica, era da informação, entre tantos outros.

Todavia, foi fora no campo informacional que essas mudanças se fizeram sentir de forma ainda mais voraz. Das formas de compra e leitura de um livro à consulta ao catálogo da biblioteca, a tecnologia pautou autoritariamente a realidade de instituições de informação como bibliotecas, centros de documentação e afins. Nesse processo, aliado à explosão informacional, destacam-se a abordagem da realidade complexa por meio de ferramentas cognitivas; a construção de representações mentais; o desenvolvimento de competências e habilidades; e a reflexão em torno da apreensão e da compreensão da informação pelo sujeito. Todo esse caráter, inédito até então, vem gerando reflexões e movimentos em torno do que se categoriza, atualmente, como revolução digital que reformou todas as etapas de circulação da informação a tornarem o formato predominante, alterou a velocidade de criação da informação, da entrega à divulgação, além das necessidades e expectativas dos consumidores de informação.

A partir desse novo fenômeno, a experimentação generalizada da automatização de fazeres no âmbito da pesquisa técnico-científica, baseando-se exclusivamente no suporte digital, vem promovendo uma revolução tal qual a industrial, por impactar a produção, o armazenamento, a recuperação, o acesso e a divulgação da informação e do conhecimento. Sua maleabilidade vem possibilitando novos usos e apropriações, elevando o patamar da relação homem *versus* informação.

Essa sinalização prenuncia uma consolidação, nos poucos anos passados recentes, de um novo espectro de desenvolvimento prático-teórico como prelúdio do movimento que a partir dos anos 2010 passou, formalmente, a ser nominado como humanidades digitais. Assim, a proposta deste artigo é refletir sobre esse conceito ainda em delineamento, mas que expressa em sua alcunha produto e sintoma das transformações metodológicas apenas recentemente identificadas em sua devida proporção.

HUMANITIES COMPUTING ENQUANTO CONTEXTO PARA AS HUMANIDADES DIGITAIS: UM PRELÚDIO AO NOVO CONCEITO

Considerar conceituar o que atualmente se nomina como *digital humanities* implica, necessariamente, na observação de um movimento de ordem tecnológica nas atividades de pesquisa dos mais diversos campos das ciências humanas. Todavia, esse é um movimento que se inicia bem antes do *status quo* das humanidades digitais (HDs), quando ainda era tido sob a ideia de “bens comuns” de natureza metodológica das técnicas computacionais, compartilhados entre as disciplinas das ciências sociais e humanas (MCCARTY, 2003, p.1, tradução nossa). Até então, a penetração de um estatuto das tecnologias da informação e comunicação davam a partida para um processo de consolidação do uso de recursos dessa natureza, basicamente pela possibilidade de bases de dados voltadas à recuperação da informação. Para McCarty (2003), esse processo criou um intercâmbio de “bens comuns” de natureza metodológica, que aproximou campos de pesquisa em torno da descoberta de novos métodos informáticos, motivando uma configuração de conexão entre campos disciplinares. Para ele, essas modalidades de trocas mútuas configura a ideia de *humanities computing*:

A atuação que observa essa troca de “importação/exportação” é a *humanities computing* em seu duplo papel como serviço colegiado para as disciplinas e como instrumento de pesquisa direcionado para investigar suas metodologias em evolução, elaborar novos métodos computacionais, abordagens, estudo dos efeitos e promoção de suas implicações (MCCARTY, 2003, p.1, tradução nossa).

Por essa razão, alguns autores veem nas *humanities computing* o embrião das humanidades digitais ou, até mesmo, um conceito precursor, por imprimir nessa abordagem as ideias fundamentais das HDs, como o robusto intercâmbio entre campos disciplinares e por aplicar essa observação ao fenômeno do advento tecnológico no desenvolvimento metodológico dessas áreas. Podemos, dessa forma, apontar que a área das HDs se configura em termos práticos ainda antes de sua rotulação como tal, sendo constituída a partir de questionamentos e reflexões de tradições arraigadas nesse contexto específico. Mesmo antes de sua “fundação” formal enquanto campo de estudo, a área já era percebida e delineada por teóricos envolvidos no processo tecnológico que arrebatou as metodologias tradicionais para um diálogo compulsório com os computadores, programas e indivíduos. Para Dalbello (2011), uma constatação fundamental foi perceber a tecnologia digital como ferramenta para o “programa de humanidades”, como centro da consideração das humanidades. Seguiu-se daí o que a autora pontua como um gênero de discurso caracterizado por um repertório de temas que oferecem explicações regulatórias e reflete a respeito dos pressupostos subjacentes sobre seus objetivos de prática, configurando-se no “estudo da transformação da escrita, do pensamento e do ensino nos campos humanísticos” promovidos nesse contexto (DALBELLO, 2011, p.1-2, tradução nossa).

Pontua-se, segundo Dalbello (2011), que esse gênero de discurso surge ainda nas reflexões mais passadas no âmbito das *humanities computing*. Apesar de, para ela, não configurarem o exato sinônimo da abordagem de um fenômeno que em grande escala se trata do mesmo movimento (*humanities computing* x *digital humanities*). Todavia, a partir de então, agrega um novo atributo ao primeiro com o instituto do

digital, embora sigam compartilhando um núcleo comum. Assim, o que, emblematicamente, identificou-se na publicação do *Index thomisticus*¹ como instauração das reflexões em torno da *humanities computing* enquanto constituição de bases de dados voltadas à aplicação de ferramentas informáticas em texto eletrônico, atualmente se desdobra na ideia de que:

As humanidades digitais hoje abrangem uma gama de práticas e produtos acadêmicos, incluindo *corpus* linguísticos, arquivos digitais interativos e projetos de edição. Alguns desses *corpus* de dados digitais tornaram-se recursos essenciais de suas disciplinas. Decorrente de esforços para construir coleções de materiais de fontes primárias gerenciando e organizando projetos de edição acadêmica em grande escala, eles também forçaram especialistas das humanidades a se tornarem inovadores tecnológicos. Também forneceram um foco para pensar possibilidades de texto eletrônico, já que as coleções emergentes foram consideradas criadoras através das lentes da teoria da narrativa, da estética e da política das redes (DALBELLO, 2011, p.3, tradução nossa).

Para Gardiner e Musto (2015), há uma mudança crucial na maneira pela qual “os acessos digitais preservam, agregam e desagregam, apresentam, privilegiam e refletem de volta a erudição que pode deixar categorias antigas para trás e mudar a maneira como até os humanistas pensam, pesquisam, escrevem, publicam e interagem com suas próprias comunidades” (GARDINER; MUSTO, p.283, tradução nossa). Assim, o foco nessa mudança, sugerida pelos autores a um regressar à história, nos leva a identificar em Dalbello (2011) a construção de uma narrativa, 'um gênero de discurso', um mesmo contexto a ser observado por pares que passam a se congregam em torno de um mesmo núcleo.

ESBOÇANDO AS HUMANIDADES DIGITAIS: DELINEANDO UM CONCEITO EM CONSTRUÇÃO

A construção de uma narrativa produzida em torno da interseção entre as humanidades e o digital criou um ambiente no qual as humanidades se tornaram sujeitas a novas abordagens que levantaram questões sobre a natureza das humanidades (GARDINER; MUSTO, 2015, p.294-298). Sendo expoente dessa consideração que identificamos como elemento genético do campo, e fundamental para interpretação de seu domínio, está o *Manifesto das digital humanities* (2011). Construída formalmente a partir de reflexões realizadas no âmbito do THAT Camp Paris em 2010, indivíduos oriundos das mais diversas matizes acadêmicas alcançaram o rótulo que significaria as reflexões em torno da conceitualização desse fenômeno.

Segundo o *Manifesto*, existem basicamente três pontuações fundamentais em sua definição, sendo essas acerca da “questão digital, da mobilização de instrumentos e

¹ O emprego inicial mais significativo de recursos computacionais nas humanidades foi *Index thomisticus*, uma compilação das obras de Tomás de Aquino iniciada pelo padre Roberto Busa. O *Index* tornou-se a base para a publicação do banco de dados de versões dessa compilação e é considerado o primeiro projeto de texto eletrônico nas humanidades. O projeto começou como uma parceria governamental-acadêmico-industrial, lançando a primeira geração de cálculos digitais em larga escala da IBM com máquinas para o trabalho de pesquisa, quase duas décadas antes de a indústria de computação começar a expandir seu alcance em massa (DALBELLO, 2011, p.3, tradução nossa).

perspectivas singulares do mundo digital restritos ao universo das disciplinas humanas e a transdisciplinar” (MANIFESTO..., 2011), fruto das perspectivas heurísticas advindas desse fenômeno. Dessa forma, a “opção da sociedade pelo digital” seria a responsável pela reconfiguração do que identificamos como uma “alteração e questionamento às condições de produção e divulgação dos conhecimentos” (MANIFESTO..., 2011). Identificamos nessa percepção uma ontologia que, a nosso ver, define a reconfiguração e potencialização da limitação do suporte tradicional a uma escala de incomensurabilidade antes não observada.

Em segundo lugar, no que tange à mobilização de instrumentos e perspectivas, defendemos que se corrobora a ideia de um gênero de discurso responsável pela criação de uma narrativa pseudoinovadora, que congrega em torno de si agentes que, cientes da compulsoriedade das técnicas, assumem os produtos desse fenômeno apenas enquanto aditivo em suas práticas metodológicas. Entendemos esse comportamento sob a forma passiva, uma vez que grande parte da área das humanidades não possuía em seu arcabouço nenhuma característica que as capacitariam a interagir com as novas tecnologias enquanto relação mútua, antes da concepção da ideia de *digital humanities*. Essa conjectura nos serve para delimitar a existência de disciplinas que estabeleçam relação mutual anteriormente à configuração das HDs. Assim, defendemos que, mesmo pertencente ao domínio das humanidades, áreas como a ciência da informação estabeleçam previamente à conjectura de *digital humanities* um vínculo recíproco já fortemente problematizado, servindo, portanto, de constatação a essa argumentação.

Em sua terceira pontuação, enquanto certificação de uma “transdisciplina”, temos a constatação de um novo campo alheio às humanidades, porém integrado por essas disciplinas. Dessa forma, significa dizer que, do mesmo modo que existe uma relação mutual distinta no que tange à mobilização de instrumentos e perspectivas, também aqui constatamos que essa transdisciplina compreende a ideia de inauguração de um novo espaço reflexivo qualificado, porém também compreendido por essa mesma lógica na qual existam relações mútuas. Relações essas que já denunciavam que determinadas disciplinas trouxessem em seu bojo uma espécie de justaposição que, configurada pela relação mutual, corroboraria a tese de distinção entre as disciplinas das humanidades em face da constituição das *digital humanities*. Assim, dessa forma, advogamos a tese de que compreendido um núcleo comum configurado pela HDs, existem gradações peculiares dos efeitos que estas promoveram no interior das humanidades. Competindo, portanto, enquanto “fruto das perspectivas heurísticas advindas desse fenômeno”, uma participação mais ou menos eloquente das disciplinas das humanidades. Por essa complexidade, importa objetivar que as disciplinas humanas participaram desse fenômeno, desde sua concepção enquanto *humanities computing*, assumindo relevância distinta e viabilizando a incorporação de temáticas próprias das tecnologias² em suas abordagens em escalas consideráveis.

² Podemos tomar como exemplo a questão da migração das bibliotecas para suas versões virtuais e digitais. A área da informação teve a implementação dessas transformações, o que compulsoriamente levou para a respectiva área problemas próprios da informática. Questões dessa ordem foram categorizadas sob novas percepções, tal como o Serviço de Referência Digital que, segundo Alves e Vidotti (2006), procurou transpor para o ambiente digital o Serviço de Referência e Informação realizado tradicionalmente em bibliotecas, com a ajuda de recursos apropriados, e utilizando-se dos benefícios das tecnologias de informação e comunicação (TICs) para otimizar seus serviços e atender às necessidades informacionais dos usuários da unidade de informação, destacando que as atividades desenvolvidas pelo Serviço de Referência foram sendo alteradas e incrementadas em virtude do aparecimento de novas tecnologias. Desse modo, como uma alternativa aos meios e necessidades

O *Manifesto* também indica que as “experimentações no domínio do digital em ciências humanas e sociais nos últimos cinquenta anos” configuram a emergência da área. Posto que, nesse contexto, denuncia um despontamento da “emergência, de mais recentemente, centros das HDs, que são todos, atualmente, protótipos ou lugares de aplicação específica de uma abordagem das *digital humanities*”. Dessa forma, ao fazer menção aos novos espaços configurados, vê-se um apelo praxiológico desgarrado das disciplinas em particular, sugerindo levar a esse novo campo – o das humanidades digitais – a experiência dessas disciplinas a um núcleo coletivo, somente a partir de então efetivamente comum e passível de interpretação. Mais uma vez, cremos que esse movimento não pode ser compreendido de forma uniformizada, haja vista que sustentamos que determinadas abordagens específicas dessas experimentações promoveram uma conjunção que, a despeito do movimento concernente das HDs, causou mutações irreversíveis no seio de determinadas áreas. Assim, outras áreas experimentaram não apenas uma transformação predominantemente metodológica, mas também técnica, estrutural e organizacional. Por certo, o que o *Manifesto* indica como “aplicação específica de uma abordagem das *digital humanities*” (MANIFESTO..., 2011), defendemos enquanto propriedade de considerar o movimento das HDs de forma bastante peculiar diante da ciência da informação, por ser esta um caso típico do que nos referimos como promotora de uma conjunção, por ter essa área sido impactada sob o ponto de vista técnico, estrutural e organizacional.

Uma outra indicação do *Manifesto* dá conta de que o “digital induz uma presença mais forte dos aspectos técnicos e econômicos na pesquisa” (MANIFESTO..., 2011), pois naturalmente faz coincidir as questões de desigualdade, uma vez que o fator econômico assume determinismo em face da necessidade de recursos para implementação computacional. Por estar passível de reproduzir e exacerbar as desigualdades, é urgente questionar a alocação de recursos de natureza pública, além de sensibilizar o fomento de natureza privada ao ensino e pesquisa. Mais uma vez, faz-se pesar as características técnica, estrutural e organizacional, pois sobre elas recaem ainda mais a relevância de obtenção de recursos econômicos. Dessa forma, a insuficiência de financiamento pode determinar “que esta obrigação é uma oportunidade para fazer evoluir o trabalho coletivo”, fazendo do propósito coletivo um promotor do compartilhamento de recursos técnicos como *software* gratuito, programas de computador em código aberto e ações na esfera dos dados abertos conectados.

O *Manifesto* também indica “que existem diversos métodos provados, conhecidos e compartilhados desigualmente” (MANIFESTO..., 2011), o que, por conseguinte, obriga-nos a refletir sobre como esses novos métodos receberão ressonância em seus públicos-alvo. Com a produção de conhecimento estando cada vez mais dependente de programas de computador capazes de realizar análises inconcebíveis para a capacidade humana, deve-se pontuar a capacidade de eles operarem *hardware* e *software* como instrumentos desta nova metodologia. Dessa maneira, a capacidade individual deve ser colocada no centro da questão, pois significa dizer que o conhecimento não evoluirá à velocidade proposta pelas HDs se as pesquisas e os pesquisadores não usufruírem de competências apropriadas. Essa é uma problemática que, já outrora, encontra ressonância em áreas como a ciência da

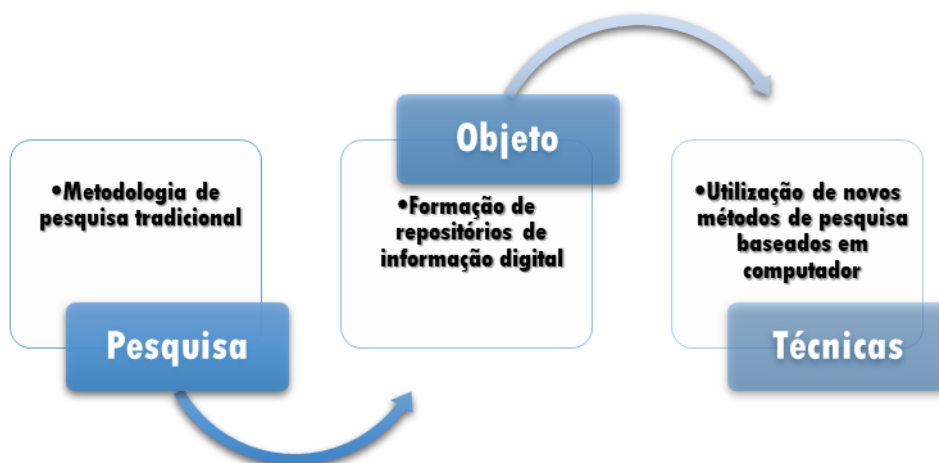
atuais, surge o SRID, realizado por bibliotecas digitais, disponibilizado via World Wide Web e que possibilita consulta a um profissional da informação com respostas mais elaboradas aos questionamentos do público potencial (ALVES; VIDOTTI, 2006, p.2).

informação sob esse viés, e assim, como defendido, identificamos questões que já podem compreender uma antecipação por determinadas áreas, como nesse caso pela CI. Decerto, temos na questão das competências individuais mais um indicativo da relação mútua que promoveu além de transformações, uma mutação que pode ser categorizada como uma antecipação à concepção de *digital humanities*.

Em uma última indicação, o *Manifesto* delinea aquela que deve corresponder, a nosso ver, ao fulcro daquilo que se discute, assim as “múltiplas comunidades específicas, oriundas de interesses por diversas práticas, instrumentos ou objetos transversais” (MANIFESTO..., 2011) exponenciam as *digital humanities* e legitimam sua existência. Independentemente das nuances que eventuais abordagens possam imprimir no ou sobre o campo é neste atributo que congrega aquilo que de mais autêntico representa a área particularmente sinalizados por seus “instrumentos ou objetos transversais”.

Dessa forma, a observação desse fenômeno, seguida de sua consecutiva percepção narrativa, sugere-nos propor um diagnóstico desse cenário, que se compreende, enquanto base, sob três principais alicerces daquilo que pavimentou o percurso para as HDs. Portanto, prescrevemos enquanto condição *sinequa non* para a construção do campo das *digital humanities* o tripé das atividades de pesquisa, os objetos destas e as técnicas a estes aplicados. Dessa forma, esquematizamos:

Figura 1– Esquema proposto enquanto construto das humanidades digitais.



Fonte: elaborado pelo autor.

Com efeito, identificamos que, por atividades de pesquisa, compreenda-se toda a ação brutalmente impactada pelo movimento computacional, partindo de seu modelo “tradicional”. Essa atividade metodológica confronta-se, nesse primeiro momento, com o objeto de pesquisa, que, agora sob uma massificação enquanto objetos digitais, acumula-se em grandes repositórios de informação. O processo que conduziu ao encontro desses dois elementos criou bases para uma possibilidade inovadora na qual a análise não mais se recairia sobre o suporte, mas sim sobre conteúdo, ou seja, seu atributo informacional. Assim, decreta-se a limitação do suporte e abre-se margem ao caráter heurístico das análises do suporte digital por novas ferramentas informáticas. A nosso ver, esse é um momento prévio que baliza e sustenta a compreensão das humanidades digitais.

Desse modo, vemos surgir não apenas o vislumbrar de novas experimentações metodológicas, mas, concomitantemente, reflexões sobre esse fenômeno. Para Sula, (2013, p.4, tradução nossa), as HDs enfocam tanto a aplicação da tecnologia de computação às investigações humanistas quanto as reflexões humanistas sobre o significado dessa tecnologia. Essa nova configuração confere à *digital humanities* o contorno de uma nova disciplina, pois conjuntamente com essa constatação observa-se igualmente a visão tecnocêntrica dos personagens advindos dessa área correlata. Como observa Gardiner e Musto (2015, p.319, tradução nossa), o forte contraste entre as duas abordagens demonstra a natureza contestada do termo, e talvez isso seja o resultado do fato de que enquanto humanistas e cientistas da computação estão em diálogo, cada um com sua própria perspectiva distinta, o elemento digital da definição está subjacente a ambos. Para Galina Russel (2011), esse é um processo que vem criando um corpo de indivíduos que se identifica como humanista digital, ou seja, indivíduos que, além de participarem ativamente das inovações do novo campo, também se dedicam a interpretá-lo. Assim, o nosso ver, essas características convergem esses fenômenos, no sentido de designar uma transdisciplina que congrega em torno de si métodos compartilhados, objetos comuns entre agentes distintos e que vêm se identificando como fabricantes de um mesmo produto, pertencente a um escopo comum.

Portanto, advogamos que as HDs partem de pressupostos configurados enquanto uma ontologia do digital que confere ao suporte uma maleabilidade, responsável por possibilitar as quase infinitas novas experimentações. Com a potencialidade que esse recurso proporciona, identificamos uma congregação de agentes das mais diversas origens disciplinares para compor experiências provenientes das técnicas computacionais. Essa ação caracteriza propriamente as *digital humanities* e a abordagem autorreflexiva que fundam, cunham e fundamentassem esse novo conceito. Na visão de Galina Russel (2011), estamos diante de um termo “que busca entender o impacto e o relacionamento das tecnologias de computação na tarefa de pesquisadores nas humanidades”, e que oferece novas e excitantes possibilidades para o desenvolvimento da pesquisa e do ensino em humanidades. A autora elenca que, de maneira geral, os objetivos das HDs são acriação de bancos de dados com recursos digitais relevantes para as humanidades; desenvolvimento de metodologias que permitam gerar novos elementos derivados desses dados; e a geração de pesquisa e conhecimento para aumentar nossa compreensão nas humanidades (GALINA RUSSEL, 2011, p.3, tradução nossa).

Todas essas constatações em torno do que vem a se considerar como *digital humanities* impõem uma configuração ainda mais complexa, que ganha forma acerca da reflexão sobre o próprio campo e seu escopo. Para Berry (2012), esse movimento poderia ser interpretado como uma “terceira onda”³ das HDs, na qual haveria para ele

³ Para Berry (2012), as *digital humanities* se enquadram em momentos distintos, considerando nessa visão o momento das *humanities computing* como sendo a “primeira onda” ocorrida no campo. Segundo ele, a primeira onda de trabalho em humanidades digitais foi quantitativa, mobilizando os poderes de busca e recuperação do banco de dados, automatizando a linguística *docorpus*, empilhando *hypercards* em *arrays* críticos. A segunda onda é qualitativa, interpretativa, experiencial, emotiva, geradora de caráter, na qual se aproveitam os *kits* de ferramentas digitais a serviço das principais forças metodológicas das humanidades: atenção à complexidade, especificidade do meio, contexto histórico, profundidade analítica, crítica e interpretação. Presner argumenta ainda que a primeira onda de estudos em humanidades digitais, no final da década de 1990 e início da década de 2000, tendeu a se concentrar em projetos de digitalização em larga escala e no estabelecimento de infraestrutura tecnológica. O que pode ser chamado de “humanidades digitais 2.0”, criando os ambientes e ferramentas para produzir, curar e interagir com o conhecimento *born-digital*, que vive em vários contextos digitais. Enquanto a

um “caminho experimental concentrado em torno da computacionalidade subjacente das formas mantidas dentro de um meio computacional (BERRY, 2012, p.323, tradução nossa). Ou seja, o autor identifica que a reflexão sobre o campo proporcionará um novo nicho que se prestará a um incremento epistêmico, assim, para ele, o “componente digital das humanidades digitais à luz de sua especificidade mediana” (BERRY, 2012, p 323), como forma de pensar como as “mudanças mediais produzem mudanças epistêmicas” (BERRY, 2012, p 328). Na nossa visão, essa nova onda serve de justificativa para uma problematização não superficial do campo, que não se furte de considerar compreender mais sobre seu domínio e escopo.

Essa nova onda defendida por Berry (2012) pode ser cotejada com a afirmação de Schreibman, Siemens e Unsworth (2004, não paginado, tradução nossa) de que a investigação crítica envolve a aplicação de processos de busca, recuperação e crítica, facilitados por algoritmos, que, originados em trabalhos baseados em humanidades, demonstraram ter uma aplicação muito além. Outrossim,

Associada à teoria crítica, essa área é tipificada por estudos interpretativos que auxiliam na nossa compreensão intelectual e estética dos trabalhos humanísticos. Envolve também a aplicação (e aplicabilidade) de ferramentas críticas e interpretativas, e algoritmos analíticos, como discutido por Bradley, sobre os artefatos produzidos através de processos associados à representação arquivística disponibilizados por meio de recursos associados a processos de publicação e à comunicação de resultados. Manifestadas nas técnicas de análise discutidas por Burrows e Ide – e vendo utilidade em uma ampla variedade de aplicações, desde a atribuição de autoria (Craig) à estilística cognitiva (Lancashire) –, a base de tal análise é o *corpus* codificado e digitalmente armazenado, por estratégias de representação do conhecimento que, em si, são capazes de possuir o que poderíamos chamar de “poética” (Winder). O mesmo ocorre com as mídias digitais, como o cinema (Kolker), e com as questões de interface e usabilidade que, como discute Kirschenbaum, integram todos os materiais em formato eletrônico e nossa interação com eles. Além disso, os esforços de disseminação têm suas raízes, em última análise, em questões relacionadas à rerepresentação, mas são manifestados em preocupações pertinentes à natureza das comunidades facilitadas por computador (Willett): preservação em meio eletrônico (discutido por Abby Smith), publicação eletrônica profissional (tratada pelo capítulo de Jensen, e abordada ainda mais por Palmer), e a matriz única de desafios e oportunidades que se criam com o surgimento de bibliotecas digitais, conforme descrito por Besser (SCHREIBMAN; SIEMENS; UNSWORTH, 2004, não paginado, tradução nossa).

Dessa forma, entendemos que uma teorização crítica do arcabouço teórico-conceitual das HDs é altamente pertinente por possibilitar uma robusta problematização das causas e efeitos provenientes das transformações sofridas nesse contexto. Esse é um processo que vai ao encontro da tese da terceira onda de

primeira onda de humanidades digitais concentrou-se, talvez um pouco, na análise de texto (como sistemas de classificação, marcação, codificação de texto e edição acadêmica) dentro das disciplinas estabelecidas, o *digital humanities 2.0* introduz paradigmas disciplinares inteiramente novos, campos convergentes e híbridos, metodologias e até mesmo novos modelos de publicação, que muitas vezes não derivam ou se limitam à cultura de impressão (BERRY 2012, p. 311-323, tradução nossa).

Berry (2012), que potencializa o campo na compreensão dele mesmo, sobretudo em relação às transformações peculiares nas disciplinas das humanas. É nesse espaço que encontramos oportunidade para discutir sua característica interdisciplinar que pode prover avaliações peculiares para cada área impactada pelas humanidades digitais.

Além de considerarmos essas áreas em convergência, não se pode desconsiderar esse debate sem apropriação adequada em realidades socioeconômicas peculiares, como por exemplo, o contexto latino-americano. Não apenas no sentido de promover reflexões sobre as limitações impostas por razões econômicas, mas principalmente compreender o patamar diferenciado das atividades e reflexões em torno desse fenômeno metodológico tolido por essas razões. Decerto que as características desse campo promovem uma aguda relação de distanciamento entre o universo acadêmico anglo-saxão e o latino-americano, por exemplo. Pontuamos nesse sentido enquanto elemento de distinção, obra do que o poder econômico e financeiro promove importância ímpar no campo das *digital humanities* por determinar o desenvolvimento de suas pesquisas. Nesse sentido, estamos diante de um cenário comprometedor e determinante do *status* de defasagem do campo em relação ao mundo subdesenvolvido, por suas implicações econômicas e de ressonância em relação a aplicação das ferramentas fornecidas pelas humanidades digitais. A América Latina é um exemplo dessa limitação, e o Brasil pode nos servir de modelo apropriado a essa análise.

O ponto que merece ser descortinando aqui é, a nosso ver, o quanto a defasagem em ações afirmativas em HDs e debates reflexivos, talvez atemporais, podem deixar de contribuir para um campo ainda passível de experiências convergentes que impactarão conceitualmente as HDs. Ou seja, debater conceitualmente um campo que sofre com discrepâncias de desenvolvimento prático e teórico entre comunidades acadêmicas distintas ao redor do mundo pode ser especialmente questionador. Todavia, essa observação merece ser pensada em conjunto à tese da terceira onda de que Berry (2012) fala.

À problemática de Berry (2012) somamos as tensões do campo que versam sobre sua hipotética divisão prática e teórica, no qual alguns autores defendem que duas nuances disputariam o “real ser” das HDs: uns defendendo a esfera dos fazeres e outros das reflexões sobre o campo. Acreditamos ser essa uma problemática importante de reverberação conceitual das *digital humanities*. Por isso, concordamos com Drucker et al. (2012) que as humanidades digitais entendem seu objeto de estudo como um todo, não estando focada na questão de uma nuance prática e/ou teórica. Assim, para nós, a terceira onda de Berry (2012) já deve transpor essa fricção. É nesse contexto que encontramos espaço para identificar que o desenvolvimento dos debates em HDs nas mais diversas esferas sociogeográficas tenderão a contribuir com essa terceira onda.

Assim se assumirmos como expressão da eloquência acadêmica na área o volume de produção intelectual,⁴ constataremos a argumentação de que a participação dos países não desenvolvidos está muito aquém da atividade acadêmica do mundo anglo-

⁴ Uma pesquisa pelo termo “*digital humanities*” na Web of Science em 23 de abril de 2019 nos mostra o cenário de produção acadêmica sobre o campo, recuperando 1.389 itens. Destes, 439 foram publicados pelos Estados Unidos, seguido de Alemanha 155 e de Inglaterra com 135 publicações. Países subdesenvolvidos como Brasil e México aparecem com 12 publicações cada, estando atrás de nações desenvolvidas, porém demograficamente menores como Itália e Holanda (59), França (55), Bélgica (23) e Finlândia (14). A Argentina, outro país equiparável ao Brasil, apresenta 4 publicações.

saxão, por exemplo. Esse distanciamento empobrece os debates conceituais nas HDs por não contemplar a participação das práticas e discussões que essas comunidades acadêmicas podem também oferecer à construção dos debates em torno das humanidades digitais. Como Drucker et al. (2012, p.2, tradução nossa) defendem, as humanidades digitais são menos um campo unificado do que uma matriz de práticas convergentes que exploram um universo em que a impressão não é mais o meio primário em que o conhecimento é produzido e disseminado. Logo, a convergência não apenas dos debates epistemológicos, mas principalmente das diversas comunidades acadêmicas em patamar socioeconômicos distintos deve ser considerada para a construção conceitual do campo. Igualmente, sobretudo, considerando os mais diversos matizes de aplicação e reverberação dos debates em humanidades digitais. Essa constatação nos obriga apenas a ousar delinear um conceito de um campo complexo, academicamente difuso e altamente convergente em suas práticas, como forma de contribuir com uma abordagem conceitual além do previsível.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos constatar na pluralidade das *digital humanities* e em sua característica interdisciplinar um facilitador para uma acomodação entre áreas, temas e objetos. As HDs apresentam um terreno fértil e apropriado para o estudo da integração do conhecimento por focar diretamente nos problemas pragmáticos de como a computação auxilia na prática de pesquisa, e como problemas teóricos e práticos recebem nova perspectiva por meio da computação. Essa nova perspectiva demanda problematizações, pois alheio ao *statement* de construção de um domínio genuinamente novo, podemos relativizar os movimentos das HDs enquanto uma narrativa autoafirmativa que pode tender a se extenuar. Esse cenário pessimista pode ser potencializado basicamente por dois motivos. O primeiro teria relação com a ausência de um aprofundamento epistemológico sobre o movimento das *digital humanities*, enquanto o segundo estaria ligado a uma reflexão no sentido de que, passado os instantes áureos de reverberação da marca “*digital humanities*”, as humanidades não acabariam por se dar conta que, uma vez rompido esse debate, não haveria mais espaço para uma tradição metodológica que não englobasse mais a tecnologia como instrumento fundamental. Todavia, esses dois motivos possuem relação reciprocamente causal.

Partindo do cenário mais pessimista, é inevitável conjecturar que esse é um processo que tende a ganhar fôlego. Convencidos de que tanto a matéria-prima de pesquisa quanto todo o ferramental a serviço do ensino, pesquisa, educação, produção de conhecimento, entre outros, migra em escalas exponenciais para o computadorizado na qual a predominância dos computadores e *software* na estrutura acadêmica das humanidades pode levar à percepção de que as HDs não correspondam mais a um movimento independente, mas sim a uma compulsoriedade. Logo, o raciocínio coletivo dos humanistas não interpretaria mais o movimento como distinção, mas sim como uma simbiose.

Essa simbiose parece, a nosso ver, já ter ocorrido no âmbito de disciplinas que sofreram esse tipo de fenômeno a longo prazo e em outras proporções. É o que alguns autores conseguem ilustrar ao destacar que à medida que a biblioteca continua a evoluir, ela deve funcionar cada vez mais como um lugar onde os estudiosos podem experimentar novas coisas, explorar novas metodologias e geralmente experimentar novas maneiras de fazer estudos. Por isso, a ideia de simbiose parece estar mais acurada, por exemplo, nas disciplinas da ciência da

informação, pois a natureza do campo e seu objeto já vem sendo preparado enquanto laboratório para o que se versa como humanidades digitais. Os autores completam esse argumento quando pontuam que os recursos se movem para o digital e o espaço é realocado de pilhas para “laboratórios” e “objetos transversais”, como argumento de que a interação com esse cenário não é imperativa para as tarefas críticas da biblioteca moderna.⁵

Por hora é nesse contexto que nos detemos, numa simbiose que possibilitará identificar o movimento das HDs como parte intrínseca das humanidades enquanto sinal do nosso tempo. Todavia, essa conjectura necessitará de um amadurecimento epistêmico que exigirá um aprofundamento nas reflexões sobre o campo. A princípio, a ciência da informação mais uma vez se credencia a contribuir eloquentemente também nessa proposta. Como os estudos desse movimento têm, no campo, total extemporaneidade de *expertise*, merecem em muito acrescentar às *digital humanities* ou aos humanistas digitais. Por ser um dos pontos nevrálgicos das HDs, a delegação ao autômato da atribuição de tarefas implica-se numa intervenção na relação indivíduo e informação. Entendemos essa intervenção como instituição de uma mediação que, desde outrora, é trabalhada no âmbito da ciência da informação num contexto altamente respectivo.

Por fim, julgamos que essas indicações, além de contribuírem para consolidação do campo das humanidades digitais, revelam uma relação própria que pode representar, por meio da complexa ideia de interdisciplinaridade, um fator que nos leva a cada vez mais argumentar que as áreas ao serem analisadas produzem uma justaposição. Um movimento que vislumbramos enquanto um processo de formação por composição, na qual dois agentes se fundem e mantêm sua integridade. Esse processo, a nosso ver, produz-se a partir de uma simbiose, na qual ocorre uma relação de benefício sem perdas entre campos diferentes, uma relação de trabalho sem que ocorra prejuízo para os agentes envolvidos. Por isso, as humanidades digitais merecem o esforço de serem topografadas a partir de sua literatura e de seu arcabouço prático-conceitual para alcançar uma mensuração concreta de seu escopo e o consequente delineamento de sua estrutura conceitual.

Artigo recebido em 31/01/2019 e aprovado em 02/05/2019.

REFERÊNCIAS

ALVES, Ana Paula Meneses; VIDOTTI, Silvana Aparecida Borsetti Gregório. O serviço de referência e informação digital. *Biblionline*, v. 2, n. 2, 2006

BERRY, David. Introduction: understanding the digital humanities. In: BERRY, David (Org.). *Understanding digital humanities*. Basingstoke, UK: Palgrave Macmillan, 2012. Edição do Kindle.

DALBELLO, Marija. A genealogy of digital humanities. *Journal of Documentation*, v.67, n.3, 2011.

DRUCKER, Johanna et al. *The short guide to digital_humanities*. Cambridge, MA: MIT Press, 2012. Disponível em: <http://jeffreyschnapp.com/wp-content/uploads/2013/01/D_H_ShortGuide.pdf>. Acesso em: 22 abr. 2019.

⁵ Ver Vandegrift e Varner (2013, p.4-5, tradução nossa)

GARDINER, Eileen; MUSTO, Ronald G. *The digital humanities: a primer for students and scholars*. Cambridge, UK: Cambridge University Press. 2015.

MANIFESTO das digital humanities. 2011. Disponível em: <<https://tcp.hypotheses.org/497>>. Acesso em: 26 de março de 2018. Tradução de Hervé Théry.

MCCARTY, W. Humanities computing. In: *ENCYCLOPEDIA of library and information science*. New York: Marcel Dekker, 2003.

GALINA RUSSEL, Isabel. ¿Qué son las Humanidades Digitales? *Revista Digital Universitaria*, v.12, n.7, jul. 2011

SCHREIBMAN, Susan; SIEMENS, Ray; UNSWORTH, Ray (Ed.). *A companion to digital humanities*. Oxford, UK: Blackwell, 2004

SULA, Chris Alen. Digital humanities and libraries: a Conceptual model. *Journal of Library Administration*, v.53, n.1, p.10-26, 2013

VANDEGRIFT, Micah; VARNER, Stewart. Evolving in common: creating mutually supportive relationships between libraries and the digital humanities. *Journal of Library Administration*, v. 53, n. 1, 2013.